Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 373

1 DE MAIO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Abrimos hoje esta chronica com uma noticia triste, a da morte do conselheiro Viale, noticia triste para as lettras, para quem elle era um disvelado cultor, noticia triste para nós, que ha muitos annos o tivemos por mestre, que ha muitos annos o tinhamos por amigo.

Essa noticia porém se nos entristeceu não nos surprehendeu, nem surprehendeu ninguem, porque a idade avançada do conselheiro Viale, e o estado melindroso da sua saude n'estes ultimos annos, e que o trazia affastado completamente das suas occupações officiaes faziam esperar a todo o momento o fim da vida d'esse infantigavel e honrado trabalhador.

Nós conheciamos o conselheiro Antonio José Viale ha 22 annos, d'esde a nossa entrada no curso superior de lettras e quando o conhecemos já elle era velho, tinha quasi que o mesmo aspecto physico com que o vimos ainda ha cinco ou seis mezes: era a mesma coisa, cara muito cheia de rugas, de barba toda rapada, sempre escanhoada com escrupulo, olhos com esse ar vago e alheiado de extrema myopia, corpo sempre mais ou menos tremulo, agora n'estes ultimos annos muito mais, andar nervoso, de passinhos curtos e muito juntos, de pessoa que nunca soube o que era correr, tal era o conselheiro Viale em 1867 quando o fomos encontrar no curso superior de lettras a reger a cadeira de litteratura classica. —então a segunda cadeira do curso— tal era o conselheiro Viale em 1888 a ultima vez que o vemos a atravessar a rua do Ouro, no meio dos gritos dos cocheiros dos carros americanos e dos Riperts, diante das parelhas, dos quaes elle se lançava muito serenamente com o seu passinho meudo, com perfeita inconsciencia dos perigos a que o expunha a sua enorme myopia, que estava de paredes meias com a cegueira.

Apesar d'esses gritos o conselheiro Viale foi uma vez atropelado por um carro, atropelamento que não lhe fez nenhum ferimento ou contusão grave mas lhe causou profundo abalo.

O conselheiro Antonio José Viale morreu com 82 annos, pois nascera em 1807, e quando nós o conhecemos tinha já 60 annos d'idade.

Era um homem d'uma erudição profundissima mercê do seu entranhado amor ao estudo e da sua memoria prodigiosa.

A sua grande paixão foram sempre as litteraturas classicas e as linguas classicas tambem. Fallava e escrevia o grego e o latim como se tivesse sido educado com Hesiodo e com Virgilio, sabia na ponta da lingua todas as obras monumentaes das litteraturas helenica e romana, tinha lá dentro a

OS REIS DA HOLLANDA

S. M. O REI GUILHERME III

S. M. A. RAINHA EMMA, REGENTE

Illiada, a *Odyssea*, a *Eneida*, e as *Georgicas*, a *Lyrica* de Anacreonte e as *Odes* de Horacio, tudo tim tim por tim tim, verso a verso, palavra a palavra, e alem d'isso sabia de cór sem lhe faltar uma syllaba a *Divina Comedia* de Dante, os *Sonetos* de Petrarcha, a *Jerusalem Libertada* de Tasso, o *Orlando* de Ariosto, e chegava a ser um assombro ouvil-o recitar, com todo o enthusiasmo d'um fanatico, todos esses poemas que elle tinha rigorosamente guardados no seu cerebro, como particulas n'um sacrario.

Toda a sua longa vida foi consagrada ao estudo, á admiração, á idolatria dos classicos gregos e latinos e elle que era um excellente homem, que tinha um caracter extremamente bondoso, que nunca se zangava com pessoa alguma senão quando estava a trasbordar de boas razões, ia aos ares perdia a cabeça, ficava completamente furioso, quando alguem notava defeitos nos seus queridos classicos, quando alguem achava massadores esses monumentos da poesia grega e latina, quando se tratava com menos respeito os idiomas de Demosthenes e de Cicero, e creio que um dos maiores desgostos que o conselheiro Viale teve na sua vida, foi no dia que a critica moderna começou a negar a existencia de Homero, a attribuir a um grupo de ædos desconhecidos e anonymos esses sublimes poemas que eram a sua adoração a Illiada e a Odyssea.

Para o conselheiro Viale o magisterio não era uma profissão era positivamente um sacerdocio: dedicava-se-lhe de corpo e alma. O estado pagava-lhe para elle reger a sua cadeira de litteratura antiga no curso superior de lettras; mas elle não se contentava em reger essa cadeira, e vendo que a maior parte dos alumnos que queriam estudar as litteraturas latinas e gregas ignoravam completamente a lingua hellenica, abriu n'uma das sallas da Bibliotheca Nacional d'onde era conservador, um curso gratuito de lingua grega.

D'ahi não auferia nenhuns proventos senão o de cançar-se a ensinar: mas esse ensino era para elle um prazer enorme, e o maior favor que lhe podiam fazer era cursar essa sua au'a.

E isto era tão sabido que todos os alumnos que se matriculavam no curso superior de lettras, querendo ser amaveis para com Viale iam matricular-se na tal aula de grego; mas como o que lá os levava era muito mais o captar as sympathias do professor, do que o desejo de saber a lingua, e como o estudo da lingua grega é difficil e pouco divertido, o resultado era que essa aula que no principio do anno lectivo tinha tantos alumnos como a do curso superior, ao cabo de um mez e meio tinha que se fechar á falta de discipulos.

Um dia faltava um, no dia seguinte outro, e assim a formiga iam se todos safando e a aula de grego ficava deserta! No meu anno, em 1867 aconteceu isso mesmo: os ultimos a deixarem a aula fui eu e o Visconde de Portocarrero, e por signal deixamo-l'a com um *fiasco* medonho.

No principio do anno eram vinte e tantos os alumnos matriculados no curso superior de lettras; d'esses vinte e tantos só quatro chegaram ao fim do curso, o Visconde de Portocarrero, Sousa Monteiro, hoje o eminente litterato o glorioso auctor dos *Amores de Julio*, Serrão de Faria, alferes de cavallaria um cabula formidavel, mas que tinha tanto talento, que conseguiu sem estudar nada durante o anno ter distincção em quasi todas as cadeiras, e eu.

Os outros foram desapparecendo pouco a pouco durante os dois annos do curso, uns á sucapa outros dando que fallar de si.

Um d'elles por exemplo era um indio, alferes do Um ou do Sete. Quando eu entrei para o curso já elle lá andava ha annos, quando sahi ainda elle lá ficou, nunca mais o vi, e portanto ignoro se chegou finalmente a acabar o curso ou não.

Durante os dois annos que eu lá estive elle era muito assiduo na frequencia, mas nunca apparecia nos exames, nem sequer nas sabbatinas.

Nunca foi possivel apanhal-o n'uma lição e para se livrar d'ellas tinha inventado um *truc* que já nos fazia rir a bandeiras despregadas.

A primeira cadeira do curso *Historia Moderna*, era a cadeira de Rebello da Silva, mas como Rebello era então min'stro da marinha, regia-a o professor da 5.ª cadeira, *Philosophia da Historia*, o illustre professor e eloquentissimo orador o conselheiro Jayme Moniz.

A aula era sempre á noite: Jayme Moniz fazia no seu curso de Historia Moderna, Revolução Ingleza e Revolução Franceza, em conferencias, e só chamava á licção em noites de repetição, de que elle avisava de vespera.

N'essas noites de repetição o alferes indio apparecia mais cedo.

—Que ferro! dizia elle.

—O que é? perguntavamos-lhe.

—Tenho que me ir embora já.

—Porque?

—Penso que se receia alguma revolta. Veio ordem para a tropa não sahir dos quarteis. Tenho que lá estar ao toque de recolher e são horas. Vocês fazem favor de dizerem isto ao Jayme.

Na primeira noite tomamos a coisa a serio.

Na segunda repetição, aconteceu o mesmo: receios de revolta, a tropa em quarteis.

E durante todo o anno, era já sabido, em Jayme Moniz marcando repetição havia revolta!

Nos dias de exames o indio usava então um *truc* muito mais simples que o da revolta: — não apparecia — mas em outubro seguinte lá estava matriculado!

Um outro alumno que desappareceu mas que deixou no curso uma recordação hilariante foi um tal Silva que era da Provincia — e que tambem nunca mais vi — que tinha a bossa dos discursos.

Agarrou-se á historia de Maria Antonietta, paramentou-a com o seu estylo rico e trouxe-a para o curso na primeira noite de repetição.

Jayme Moniz chamou-o á licção.

O Silva póe-se em pé e mettendo a mão no peito napoleonicamente começou:

—Maria Antonietta a infeliz austriaca, a flôr mimosa, qne o vendaval da revolução arrancou de haste ..

—Perdão interrompeu o illustre professor, não é d'isso que se trata hoje, é das origens da revolução, João Hus e Luthero.

O Silva embatucou, e sentou-se a escorrer em suor sem conseguir dizer palavra.

D'ahi a noites outra repetição, o Jayme Moniz torna a chamar o Silva.

O Silva ergue-se triumphante e começa:

—Maria Antonietta a infeliz austriaca a flôr mimosa que...

—Basta, basta... não se trata d'isso, trata-se de Turgot e Necker.

Como da primeira vez o Silva embatuca, sua e senta-se.

Terceira repetição, —mesma scena— o Silva a abrir a bocca, e nós todos a dizermos n'um côro em surdina:

—Maria Antonietta a infeliz austriaca.

Ainda não era occasião de impingir o discurso, e o Silva muito encavacado começa a dar uma sorte enorme com nós todos, que apenas elle entrava nos claustros do curso superior de lettras, principiavamos a declamar —Maria Antonietta a infeliz austriaca...

Finalmente quarta representação. O Silva é chamado.

Póe se em pé e principia titubiando.

—A origem da revolução franceza perde-se nas sombras... perde-se nas sombras...

—Não é isso, diz-lhe o professor, hoje é que é a tal coisa, Maria Antonietta a infeliz austriaca...

Nós todos mordemos os beiços para calarmos as gargalhadas, o Silva fez-se verde, amarello, encarnado, azul, não teve coragem para impingir o discurso ha tanto tempo recolhido... e desde essa noite nunca mais appareceu no curso, nunca mais ninguem de nós lhe poz a vista em cima.

Mas afastamo-nos muito levados por estas alegres recordações da mocidade, do conselheiro Viale e do nosso fiasco na sua aula de grego:

O Visconde de Portocarrero e eu estudavamos juntos, nas aulas tinhamos logar um ao pé do outro e faziamos bella camaradagem.

Chegámos á aula de grego, estudamos o alphabeto e quando soubemos lêr grego, não quizemos saber de mais nada: abriamos a nossa grammatica de Bournouff e respondiamos como uns sabios a todas as perguntas do conselheiro Viale.

Ora como já dissemos o conselheiro Viale era myope a valer, dava a aula sem luneta e não via nada do que se fazia.

Na sua aula do curso superior de lettras muitas vezes acontecia elle chamar á licção um alumno que não estava.

—O sr. Conde de Oeiras? dizia elle chamando á licção, queira ter a bondade de nos dizer alguma coisa acerca de Hesiodo e de seu memoravel poema...

—O Conde de Oeiras não está cá, dizia um de nós.

—Diga, diga, que diz bem, insistia o conselheiro Viale, que além de não vêr nada sem luneta, ouvia tambem pouco.

—Não está cá, repetia um de nós em voz mais alta.

—Vamos, continue, continue que vae muito bem.

—Não está cá.

—Isso, isso, diga que diz bem.

—Não está cá o Conde d'Oeiras, berravamos então todos em côro com todas as forças dos nossos pulmões, e só então o conselheiro Viale comprehendia que não estava na aula o alumno que chamára á licção.

Dada esta myopia e esta surdez do conselheiro Viale, comprehende-se bem como nós respondiamos na classe de grego a todas as perguntas que nos fazia o conselheiro Viale.

Quando o interrogado era o Portocarrero, eu lia a licção em voz baixa e elle ia respondendo a tudo com uma precisão mathematica, quando o interrogado era eu, o Portocarrero lia, e eu fazia um vistão.

E assim fazendo optima figura, passavamos todos os dias de licção e iamos sabendo tanto grego como o proprio Xenophonte.

O conselheiro Viale estava contentissimo comnosco e a grammatica de Bournouff ia quasi gualdida, tendo nós sempre as melhores notas.

Uma bella manhã chegámos á aula e não appareceram mais alumnos; estavamos sós nós ambos e o conselheiro Viale.

—Visto serem hoje só dois, não é preciso estarem lá tão longe, venham para aqui, para ao pé de mim, diz-nos elle fazendo-nos logar a seu lado na meza.

E eu sentei-me d'um lado, o Portocarrero do outro e o conselheiro Viale no meio.

—Vamos lá á licção disse elle. E começou a fazer-me perguntas. Eu, olhava para o Portocarrero, elle não me podia dizer nada e eu nada dizia.

Admirado, o conselheiro Viale, passou a fazer as mesmas perguntas ao Portocarrero.

Elle olhava para mim, eu nada podia dizer e elle não dizia nada. Estupefacto o conselheiro Viale desculpou-nos:

—Naturalmente não tiveram tempo para estudar a licção d'hoje; vamos á licção d'hontem que tão bem a souberam.

E interrogou-me, e eu moita! Interrogou o Portocarrero e elle, moita! tambem.

Assombrado, o conselheiro Viale passou para a licção anterior e para a outra e para a outra, e sempre com o mesmo resultado, e por fim cheio de desgosto veio a perceber, que nós, que elle já tão gregos nos imaginava, apenas sabiamos o alphabeto!

Corridos, nunca mais puzemos o pé na aula do grego e o conselheiro Viale ficou por muito tempo escandalisado comnosco, pela nossa desattenção para com a lingua de Homero.

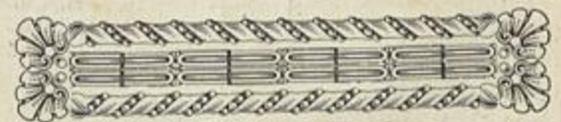
Ha annos já velho e cançado deu a sua reforma do magisterio, sendo substituido na sua cadeira pelo eminente e brilhantissimo escriptor Pinheiro Chagas; mas o conselheiro Viale ao sahir do curso não se retirou de todo á inactividade e continuou a exercer o seu cargo de conservador da Bibliotheca e de vogal da secção permanente do conselho superior d'instrucção publica. Ha coisa de dois annos porém a sua muita idade e o seu precario estado de saude, obrigaram-o a recolher-se a casa, e a repetir de tres em tres mezes as suas licenças para se tratar.

O conselheiro Viale se tivesse tanto talento como tinha erudição seria com certeza o primeiro homem de lettras do nosso paiz. Sabia muito, sabia immenso, mas a mais notavel das suas faculdades era a memoria.

Deixou varias obras, traducções de varios cantos da *Illiada* e da *Divina Comedia*, um curso de litteratura grega e latina com o titulo de *Miscelanea hellenico litteraria*, uma selecta camoneana, um projecto de reforma orthographica, uma biographia da rainha Estephania; um pequeno compendio de historia de Portugal, outros pequenos opusculos e um poemeto *Dante triumphante* que compoz aos doze annos d'idade.

Era um excellente homem, um explendido caracter e na sua longa vida e na sua larga carreira não teve senão amigos a começar pelos seus discipulos, que todos o estimavam desde os seus discipulos mais illustres como D. Pedro V el-rei D. Luiz I, até aos mais obscuros como o que escreve estas linhas.

Paz a sua alma!

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS REIS DA HOLLANDA

SS. MM. O REI GUILHERME III E A RAINHA EMMA, REGENTE

As noticias recebidas da Hollanda contam o estado precario da saude do rei Guilherme III, a quem uma pertinaz doença tem ha muitos annos suspendido entre a vida e a morte.

Ultimamente esse estado aggravou-se a tal ponto, que os medicos, receando uma morte proxima, declararam ao governo a impossibilidade do rei Guilherme se occupar dos negocios do estado, e a necessidade de se nomear uma regencia para o reino.

Em virtude d'estas declarações, reunio o conselho de Estado, o qual confirmou a incapacidade do rei, e fazendo uso da lei de 2 de agosto de 1884, promolgada por occasião da morte do principe de Orange herdeiro presumptivo da corôa dos Paizes Baixos, e que estabeleceu a eventualidade de uma regencia na rainha Emma, esposa do rei Guilherme, proclamou agora regente do reino a mesma rainha, com a approvação das duas camaras.

Guilherme Alexandre Paulo Frederico Luiz, Rei dos Paizes Baixos, Principe de Orange-Nassau e Gran-Duque de Luxemburgo, é filho do rei Guilherme II e da rainha Anna Paulina filha do fallecido imperador da Russia Paulo I. Nasceu a 19 de fevereiro de 1817, e casou em 18 de junho de 1839, com a princeza Sophia Frederica Mathilde, filha do rei Guilherme I de Wurtenberg.

Dez annos depois do seu casamento, succedeu ao throno de seu pae, por fallecimento d'este, em 17 de março de 1849.

Em 25 de agosto de 1851, nasceu do seu consorcio, o principe de Orange, que falleceu em 1884,[1] sendo este o unico filho que lhe deu a rainha Sophia a qual falleceu em 30 de junho de 1877.

Guilherme III contrahiu segundas nupcias com a princeza Emma Adelaide Guilhermina, filha do principe Jorge Victor de Waldeck e Pyemont, e que nasceu a 2 de agosto de 1858.

D'este casamento nasceu a princeza Guilhermina Hellena Paulina, a 30 de agosto de 1880 e é este o unico filho que existe dos reis da Hollanda.

Como se lê a princeza Guilhermina ainda não tem nove annos completos e é a herdeira presumptiva do throno da Hollanda, de que sua mãe é actualmente a regente.

Parece, entretanto, que o rei Guilherme, retomará em breve a governação, porque o seu estado de saude tem melhorado consideravelmente.

A ESQUADRA PORTUGUEZA DO BLOQUEIO DE ZANZIBAR, EM MOÇAMBIQUE

Acha-se actualmente no porto de Moçambique uma esquadra portugueza, composta de oito navios que ali se reuniram para fazerem o bloqueio da costa da nossa Africa Oriental na parte comprehendida entre a foz do Rovuma ao norte e a ponta sul da bahia de Pemba, afim de evitar a introducção d'armas para Zanzibar e o trafico de escravatura da mesma procedencia.

Esta esquadra que se acha representada na gravura que publicamos, uma bella composição do nosso collaborador artistico, sr. José Pardal, compõe-se dos seguintes navios de guerra portuguezes: Corveta *Affonso de Albuquerque*, construida em 1884, de 1,110 toneladas e 7 boccas de fogo; corveta *Mindello*, construida em 1875, de 1,120 toneladas e 8 boccas de fogo; corveta *Rainha de Portugal*, construida em 1875, de 1,120 toneladas e 8 boccas de fogo; canhoneira *Tamega*, construida em 1875, de 610 toneladas e 5 boccas de fogo; canhoneira *Liberal*, construida em 1884, de 500 toneladas e 4 boccas de fogo; canhoneira *Douro*, construida em 1879, de 590 toneladas e 2 boccas de fogo; canhoneira *Zaire*, construida em 1884, de 500 toneladas e 4 boccas de fogo; canhoneira *Quanza*, construida em 1877 de 590 toneladas e 3 boccas de fogo, o que faz a totalidade de 6:140 toneladas e 41 boccas de fogo.

O decreto que ordenou o bloqueio, prohibe provisoriamente, a importação, exportação, reexportação e venda d'armas e munições de guerra em toda a provincia de Moçambique á excepção do districto de Lourenço Marques.

Não deixaremos de consignar aqui as causas que determinaram este bloqueio da parte de Portugal, porque ellas são importantes para a historia do nosso dominio em Africa, tão discutido e malbaratado na conferencia de Berlim.

É sabido que a conferencia de Berlim levou em vista o confirmar definitivamente os limites das possessões africanas com respeito a cada uma das nações que as tem, e conhecer quaes os pontos d'Africa que podiam ser occupados pelas nações que tentassem essa occupação, sem offensa dos direitos de outras potencias.

A Allemanha com os seus dourados sonhos de se tornar tambem potencia colonial, foi a que primeiro quiz aproveitar os resultados da conferencia, e para isso pensou desde logo em occupar a costa de Zanzibar.

A empreza, porém, era um pouco arriscada para a tentar officialmente, e por isso o governo allemão, ou melhor o principe de Bismarck, procurou incitar alguns capitalistas allemães a que organisassem uma companhia commercial na costa oriental da Africa dominios de Zanzibar, para ali estabelecer feitorias e desenvolver commercio com os indigenas, o que sendo bem acceite, daria mais tarde aos allemães a proponderancia necessaria para assentarem definitivamente o seu dominio, em que então appareceria o governo da Allemanha.

Se pelo contrario a tentativa não produzisse os bons resultados que esperava, d'ahi não viria desaire para a Allemanha, porque elle seria deitado á conta da Companhia Commercial.

A empreza não foi favoravel para os allemães, e em breve principiaram a soffrer a guerra dos indigenas, pouco conformes com as imposições dos seus hospedes.

A Allemanha vendo este desastre, procurou ainda remedial-o sem se comprometter inteiramente, pedindo o auxilio de outras nações em nome da humanidade e da christandade que corria perigo em Zanzibar com o trafico da escravatura e a perseguição dos christãos, a que o sultão de Zanzibar não tinha forças a oppôr.

N'este sentido convidou a Inglaterra para que a ajudasse a combater a escravatura e a defender os christãos na costa de Zanzibar, convite a que esta potencia accedeu, mas não julgando ainda sufficiente a cooperação da Inglaterra, convidou tambem Portugal para o mesmo fim, e fez egual convite á Italia.

Já dissemos qual a esquadra que o nosso paiz enviou para a costa da Africa Oriental e as instrucções que levou.

A inglaterra enviou nove navios de guerra que são: *Agacmnon*, de 8,510 toneladas e 18 boccas de fogo; *Boadicea*, de 4,140 toneladas e 24 boccas de fogo; *Carnet*, de 2,120 toneladas e 14 boccas de fogo; *Griffon*, de 780 toneladas e 8 boccas de fogo; *Algerine*, de 835 toneladas e 4 boccas de fogo; *Penguim*, de 1,130 toneladas e 7 boccas de fogo; *Storck*, de 465 toneladas e 4 boccas de fogo; *Mariner*, de 973 toneladas e 10 boccas de fogo.

A Italia apenas enviou dois navios de guerra sendo um o *Dogali* de 2,050 toneladas e 8 boccas de fogo.

A esquadra que a Allemanha enviou compõe-se dos seguintes navios de guerra: *Sophia* de 2,169 toneladas e 14 boccas de fogo; *Carola*, de 2,169 toneladas e 14 boccas de fogo; *Noewy*, de 848 toneladas e 5 boccas de fogo; *Leipsic*, de 3,925 toneladas e 18 boccas de fogo; *Pfeil*, de 1,328 toneladas e 5 boccas de fogo; *Schwalb*, de 2,159 toneladas e 14 boccas de fogo.

Come se vê esta força é importante, tanto mais em Africa, para impor respeito aos indigenas, mas apesar d'isso, tem havido serios conflictos em que por vezes os allemães tem tido perdas consideraveis, porque os naturaes tem-lhe atacado vigorosamente os seus postos.

Crêmos que as forças portuguezas continuarão a manter-se nos limites da costa portugueza sem se envolverem no bloqueio da costa de Zanzibar, e com isso mantem a auctoridade portugueza n'aquellas paragens que é o que convém, para mais uma vez provar aos que tanto deprimem a nossa suberania em Africa, que sabemos manter os tratados.

E eis como a Portugal, a quem foram tão discutidos os seus direitos em Africa, é pedido auxilio pela nação que convocou a conferencia de Berlim, o que não deixa de ser uma prova de que lhes reconhece a influencia que tem em Africa, consequencia do seu dominio secular.

JOAQUIM RAMALHO ORTIGÃO

Mais um membro illustre da colonia portugueza, no Rio de Janeiro, cahiu vencido pela morte, termo fatal de tantos trabalhos e fadigas em que a vida se vae.

Joaquim Ramalho Ortigão, de que o telegrapho transmittiu a noticia da sua morte, occorrida em 13 do mez passado, não o venceram os longos annos do octogenario, senão as luctas de uma vida trabalhosa e prestante, que o nobilitou, mas que lhe abriu prematuramente o tumulo, aos 47 annos de idade apenas, depois dos estragos produzidos pela lesão cardiaca.

Foi uma grande perda, esta morte prematura, no meio de uma sociedade onde Ramalho Ortigão exercia tão alta preponderancia por seu saber, por sua grande actividade, por suas qualidades de caracter excellente.

Essa falta sente-a tanto a colonia portugueza do Rio de Janeiro, como os proprios brazileiros, que de ha muito tinham Ramalho Ortigão como um filho do Brazil pelo interesse que elle tomava na prosperidade da sua segunda patria, e em Portugal não se sente menos, porque lamentando tantas centenas de vidas que seus filhos vão perder no Brazil ingloriamente, a de aquelles que conseguem triumphar das amarguras do exilio, é tanto mais valiosa e querida.

Nasceu Joaquim da Costa Ramalho Ortigão na freguezia de Cedofeita da cidade do Porto, a 16 de fevereiro de 1842, filho de Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, official de engenheria e de D. Antonia Duarte Silva Ramalho Ortigão.

Aos 14 annos de idade, em 1855, partiu para o Brazil, e empregou-se no Rio de Janeiro na casa commercial da Viuva Seva & C.ª.

Mais tarde passou para a casa de Souza Breves & C.ª, desempenhando o cargo de guarda livros, e a sua intelligencia e pouco vulgar aptidão valeram-lhe, tempos depois, o entrar para socio da mesma casa commercial.

Depois de uma viagem a Portugal, em 1875, fundou no Rio de Janeiro a casa commercial de Ortigão & C.ª á testa da qual se achava quando a morte o surprehendeu.

É de 1875 em diante que mais se distingue a individualidade de Ramalho Ortigão entre a colonia portugueza e sociedade fluminense.

A sua actividade é requerida para emprehendimentos importantes. O Banco do Brazil conta-o entre o numero dos seus directores mais distinctos que lhe reforma a lei dos seus estatutos.

Toma parte no Banco Internacional do Brazil e na Associação Commercial, e a todas as sociedades portuguezas elle presta o seu apoio e cooperação.

A sua palavra eloquente e instruida fez-se por muitas vezes ouvir no seio de assembléas illustres, e era escutada com o interesse que desperta o orador auctorisado.

Um seu biographo fallando e escrevendo d'elle no *Commercio e Industria* diz:

«Na conferencia do *Lyceu de Artes e Officios* o salão, que é muito grande, estava litteralmente cheio, e nos corredores e salas proximas regorgitavam numerosos retardatarios, desgostosos de não terem conseguido logar d'onde melhor vissem e ouvissem.

Dentro do salão via-se o imperador, o presidente do conselho de ministros com quasi todos os seus collegas, muitos senadores e deputados, o estado maior do nosso commercio, homens de lettras, funccionarios publicos e grande numero de senhoras.

O orador assomou á tribuna, saudou o imperador e o audictorio, e principiou.

Fallou durante meia hora se não mais, discutindo com a maior lucidez, criterio e erudição uma these de transcendente importancia, quer como fructo de profundos estudos de economia politica, quer como orientação para os interesses da lavoura e do commercio do Brazil.

Na sessão da sociedade de Geographia, da qual Ramalho Ortigão era a esse tempo secretario, foi elle encarregado do discurso de apresentação que precedeu a conferencia do sr. Serpa Pinto, e esta peça, que todos os jornaes do dia seguinte reproduziram nas suas columnas, dá o valor da forma litteraria de que elle sabe servir-se em tudo quanto falla e escreve.

A outra vez que ouvi o sr. Ramalho Ortigão foi na Praça do Commercio.

Discutia-se ahi n'uma reunião extraordinaria a maneira de conjurar os males com que o movimento abolicionista ameaçava a fortuna publica e particular. Falaram diversos oradores, appareceram differentes propostas, variados alvitres se apresentaram, e do choque das opiniões ia resultando uma certa acrimonia na maneira de discutir e deliberar.

Quando o sr. Ramalho Ortigão pediu a palavra, notou-se no rapido silencio do auditorio o interesse ligado a este orador.

E elle fez a nomenclatura dos embaraços com que a praça lutava e de outros com que estava ameaçada; assignalou-lhes a origem, prophetisou-lhes os ruinosos effeitos, determinou a mais acertada maneira de combatel-os.

Compulsando estatisticas e algarismos, o orador dissertou largamente a respeito da producção do Brazil, da sua propriedade territorial e da sua população escrava. Combatido n'este ponto da questão por causa das idéas escravocratas que manifestou, soube manter galhardamente a réplica, proseguindo depois calmo e imperturbavel, sem irritações pela contradita, sem embaraços pela brusca interrupção, sem pesar-lhe no gesto ou na voz a mais leve commoção nervosa.»

Joaquim Ramalho Ortigão foi um dos mais dedicados directores do *Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro*, essa sociedade prestante que tanto honra o nome portuguez no Brazil, e

[1] Vid. OCCIDENTE, vol. VII, pag.ˢ 162 e 164.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

Canhoneira *Liberal* — Canhoneira *Douro* — Corveta *Rainha de Portugal* — Canhoneira *Zaire* — Corveta *Mindello* — Canhoneira *Quanza* — Corveta *Affonso d'Albuquerque* — Canhoneira *Tamega*

ESQUADRA PORTUGUEZA DO BLOQUEIO DE ZAMZIBAR, EM MOÇAMBIQUE

(Composição e desenho de José Pardal)

tomou parte muito activa nas grandes festas que o mesmo Gabinete celebrou por occasião do tricentenario de Camões.

A elle tambem se deve grande cooperação no *Centro do Commercio e Lavoura*, e aos seus esforços e aos do malogrado Eduardo de Lemos se deve a exposição que este centro inaugurou ha annos.

A questão da abolição da escravatura no Brazil, tambem chamou a sua attenção, e n'ella teve um papel importante como presidente do congresso de lavradores, em que se discutiu aquella questão e cujas resoluções foram apresentadas ao governo brazileiro.

Tratando d'este assumpto o mesmo biographo faz as seguintes considerações:

«Influenciado pela idéa de que a abolição immediata da escravatura importa para a riqueza publica e particular do Brazil a mais calamitosa desgraça; guiado sem duvida mais por principios economicos do que por impulsos humanitarios, não hesitou, por isso, em manifestar-se francamente escravocrata a primeira vez que teve de fallar n'estas reuniões a que presidia.

O resultado d'isto fez-se sentir immediatamente.

A imprensa abolocionista passou a ver em Ramalho Ortigão um adversario formidavel; e não poupal-o com toda a sorte de hostilidades; e por ultimo no mesmo seio do parlamento, levantou-se a voz de um deputado cearense, o dr. Antonio Pinto, a reclamar do governo contra a ingerencia do nosso compatriota em assumptos que, na opinião do deputado pelo Ceará, são do exclusivo interesse da communhão brazileira!

Eu dispenso-me de ajustar aqui commentarios que viriam muito de molde, limito-me a declarar com satisfação que na propria camara onde esta accusação foi articulada, não faltou quem elogiasse o accusado e censurasse o accusador.

A Ramalho Ortigão, porém, é que parece não ter agradado esta referencia de que foi alvo em pleno parlamento, e se ante as investidas da imprensa havia até então guardado o silencio dos indifferentes, teve por melhor responder d'esta vez ao deputado que o censurou e dimittir-se de presidente do *Centro de Commercio e Lavoura*.

Da sua resposta ao dr. Antonio Pinto resultou entre os dois uma pequena polemica que a breve trecho digna e cortezmente se concluiu; quanto á sua demissão de presidente do Centro, valeu-lhe ella uma das mais brilhantes manifestações a que n'estes casos podia aspirar-se.

Uma commissão de 21 membros, delegada pelo *Centro do Commercio e Lavoura*, e da qual faziam parte diversas notabilidades do commercio, da politica e das lettras, foi incorporada a casa do sr. Ramalho Ortigão pedir-lhe que retirasse o seu pedido de demissão e voltasse á presidencia do importante gremio brazileiro e do congresso reunido por iniciativa d'este!»

Esta manifestação é pois, sem duvida, um dos factos mais honrosos da vida do nosso compatriota, e que põe bem em relêvo a auctoridade e o prestigio da sua individualidade.

Varias honrarias officiaes distinguiam Ramalho Ortigão, conferidas pelo governo brazileiro, portuguez, belga e russo. Assim era commendador da Ordem da Rosa, gran-cruz da Conceição e cavalleiro de Christo, tinha o grande officialato de Leopoldo da Belgica, e a Ordem de S. Estanislau da Russia.

Deixa viuva a Ex.ma Sr.a D. Ritta de Barros, filha do barão de Rio Novo, e oito filhos.

Era irmão do sr. Ramalho Ortigão notavel escriptor e critico tão conhecido em Portugal como no Brazil.

A' sua illustre familia enviamos os nossos sentidos pezames.

CONTOS DE HOJE

V

(A GERVASIO LOBATO)

Na grande varanda do seu palacio da estrada de Sete Rios, estava a formosa marquezita de Valameno aspirando as auras embalsamadas de uma bella tarde de abril. Um sorriso de maldosa premia-lhe os labios de nacar, e a sua mão branca, pequena, aristocrata, trinava no parapeito da sacada umas pancaditas seccas, cortadas pela viração que já vinha annunciando a noite; e a inquieta mãosinha, n'aquelle cadenciado movimento, parecia contar as recordações que por ventura assomassem á mente da dona.

Era muito elegante a casa senhorial de Valameno, estylo do seculo XVIII, e o brazão d'armas, esculpido no escudo de marmore que encimava o grande portal, attestava a nobre procedencia dos Valamenos! O desenho do escudo, porém, era quasi todo coberto por uma ramagem amarellada pela terra e queimada pelo tempo, e que vegetava nos interstícios ou fendas abertas ha mais de um seculo.

Ladeando o escudo seguiam se dois delphins com as boccas escancaradas, que abrindo as caudas em leque, sustentavam, como alpendre, a granlage sobre que assentava a varanda onde, como dissemos, se achava a marqueza de Valameno.

*
* *

Era uma engraçada trigueirinha! esta marquezita que substituia a distincção pela *coquetterie* e os cuidados do *ménage* pelo amor aos livros de Adolpho Bellot.

O marquez, seu esposo, actualmente deputado ás Côrtes, era ali considerado como um sustentaculo da *Carta* e das instituições vigentes. De resto, nos salões de Lisboa, o mundo feminino definia-o n'esta phrase banal:

— Um galante rapaz!

Ora na mesma tarde a que nos referimos, ás seis horas, chegava o marquez de Valameno pela estrada de Lisboa, no seu *dog-cart*; parou, apeou-se, transpoz o vestibulo, subiu a grande escada e entrou na sala onde o esperava Elisa de Valameno. Cumprimentou sua esposa como quem cumpre uma obrigação, atirou para cima da meza o chapéo, as luvas e um rolo de papeis onde se lia em grandes caracteres *Moção de Censura*, e, sentando-se n'um *fauteuil* começou acto-continuo a folhear nervosamente um volume de capa azul, *Le Divorce*, de Alfredo Naquet...

Elisa, ainda que já habituada a ser substituida na mente, ou no *coração* como antigamente se dizia, do senhor de Valameno, pelos Orçamentos, Propostas ou Moções, comtudo... sentiu-se ferida, muito ferida...

*
* *

A marqueza trajava n'este dia um bello *costume* de seda, com corpete justo de damasco branco e côr de ouro, levantando nos quadris volumosos *panniers* da mesma fazenda ligando-se na cinta d'onde sahia em borbotões como caudalosa corrente a grande *traine* de *faille bleu-ciel*. E a sua figura, assim, gentil e silenciosa, ficou olhando o marido... Então, a marqueza, escondendo um pouco o labiosinho superior, conchegou o *fichu* de rendas de Alençon que lhe cobria o collo, tentador pela brancura e macieza das linhas. Depois tomou de uma das jarras de Sévres que guarneciam a console à la Régence a que se encostara quando observava o marquez, e tirando uma rosa *Prince Black*, olhou para o grande espelho veneziano emmoldurado em chrystal, corou... pareceu hesitar... Formou uma resolução: dirigio-se para a janella com ar pensativo volteando entre os dedos a soberana das flores.

....

O marquez, de todo embebido na leitura de Naquet, nada vira, e murmurava:

— Naquet trata bem a questão; porém eu, no meu paiz, posso ter um successo relativamente superior. Além de que, é preciso; é tempo de me tornar notavel. Fui pouco feliz na *Moção* mas posso ainda ganhar uma boa desforra...

— Já ha novo ministerio em Lisboa? interrogou-o da janella a marqueza.

— Não. Entrou interinamente para a marinha o Julio, — murmurou o marquez sem levantar os olhos da pagina aberta do *Divorce*.

— E, então, tu?!... insistio Elisa.

— Eu!? .. Tens razão! Eu que fiz cair a situação... Olha! ali está, em cima d'aquella mesa a minha *Moção de censura*... que outros deram como sua.

— Mas... n'esse caso muito reconhecido te deve estar o novo ministerio?

— É-me indifferente que o esteja ou não; demais eu agora tenho de manter-me na opposição para iniciar no parlamento a questão palpitante do divorcio, — disse o senhor de Valameno fechando a brochura e fazendo *pose*.

— Do divorcio!!... exclamou Elisa em sobresalto.

E a joven senhora não poude deixar de recordar esse *esquecimento* quazi-abandono, por muitos ignorado, em que a lançava o marquez. Abandono que a tentava a provar áquelle incauto quanto era perigoso confiar, tam provocantemente, na ignorancia d'ella. Ah! não era necessario mais para decidir a uma acção temeraria mulher d'aquella tempera. E, se este abandono podia significar confiança, tambem decerto revellava desamor e nenhuma consideração por ella.

—... Sim! isto são cousas de politica a que as senhoras devem ser estranhas.

E o marquez de Valameno, em seguida a este novo golpe de um tom saccudido, voltou a ler imperturbavel o seu Naquet.

Elisa olhou-o demoradamente. E no seu olhar fuzilava o despeito, a aggressão. Olhou-o de um modo nada tranquilisador para a sua qualidade de marido pouco amavel.

*
* *

Pela estrada, em direitura a Lisboa, seguia um moço tenente de lanceiros montado n'um cavallo preto ao qual permittia um galope cadenciado e aparatoso.

Até aqui, apenas *o que se vê*. Mas na gente do sitio já se ia radicando a theoria de F. Bastiat, e começava de surgir o terrivel *ce qu'on ne voit pas*... por isso que começou de ser notado o repetir-se este facto em que *infelizmente* para o senhor de Valameno, a marquezinha *havia tambem* reparado. N'esta tarde porém, Elisa, sorrio-se para o official, presenteando-o com este epulótico como para cauterisar a ferida aberta pelos seus rigores de *coquette*. E a marqueza de Valameno, como que antegostando a propria vingança, sentio correr-lhe pela medula uma faisca de goso que lhe foi alborotar o coração.

Tam imprevisto estremecimento fez-lhe saltar á rua a flor que tinha na mão.

Vio isto o garboso tenente, e, comprehendendo, ainda que mal refeito da gostosa surpreza, a ventura que se lhe deparava, voltou atraz, metteu o cavallo a todo o galope fazendo-o rastejar o ventre na terra; e curvando-se um pouco sobre a sella levantou do passeio galhardamente a roza que entallou nos labios; correu com o olhar, scintillante de desejo, o contorno juvenil de Elisa e desappareceu ao fundo da estrada no meio do esfumado que a noite reforçava.

*
* *

Elisa de Valameno sentio bem o valor da falta commettida, por isso que n'essa noite não houve cuidado, nem attenções, de que não fosse alvo o illustre castellão.

O senhor de Valameno, muito reconhecido a tanto extremo, confiou a Elisa o seu projecto de uma *proposta de lei* sobre o divorcio, o que havia de atirar com o nome de Valameno aos *quatre-vents*. Mas, acrescentou, no parlamento necessitava de tratar a questão no campo pratico e terminou com ar confidencial:

—... Se tu, Elisa, com a intelligencia e finura de espirito de que és dotada, soubesses, muito em segredo, a causa porque algumas de tuas amigas têem commettido leviandades a occultas dos maridos, podias, afoutamente, contar-m'o porque eu saberia guardar a tua confidencia. Preciso absolutamente de sair das theorias e entrar n'um campo pratico.

*
* *

Se a gentil marquezita acceitou ou não, a collaboração offerecida pelo esposo não o sabemos. Podemos porém affirmar que no sitio de Sette Rios, passado um mez, corria a noticia seguinte: o tenente de lanceiros que ali passava, *todas as tardes*, como já era notorio, batera-se em duello com o marquez de Valameno, por motivo tam particular que as testemunhas não lograram conhecer. Era uma questão d'honra, dizia-se. Mas os habitantes de Sete Rios explicavam o caso na seguinte phrase:

— Uma senhora tam seria... Quem havia de dizer!!!...

De tudo isto, parece-nos, devemos concluir que a marqueza collaborou no projecto do illustre sustentaculo das instituições vigentis. E o marquez de Valameno teve afinal occasião de estudar o divorcio no *campo pratico*...

Manoel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XII

Mas d'esta vez as negativas da Conceição não serviram de nada.

Ella bem berrava lá do seu quarto que todas as janellas estavam fechadas, mas a esposa do major tinha a contrariar a resposta da criada o vento frio que entrava por baixo da porta e cada vez a fazia espirrar mais.

E espirrou tanto que os seus espirros accordaram o marido, o major Rodrigues.

— Que demonio é isto! o que vem a ser esta bulha? perguntou elle estremunhado.

— Sou eu a espirrar, respondeu com muito mau humor a esposa.

— A espirrar?

Mas o demonio do vento fazia das suas, e o major a fazer esta pergunta e a espirrar tambem.

E então começou na alcova do major Rodrigues um verdadeiro duetto de espirros.

— Mas que demonio é isto? perguntava muito intrigado e muito constipado o major. D'onde vem aqui tanto ar, atchim.

— Não sei; a Conceição diz que está lá fóra tudo fechado... atchim.

— Isso não póde ser .. está por força alguma janella aberta, e nós estamos aqui a arranjar-nos muito bem arranjadinhos.

A esposa do major, incitada por esta nova opinião que corroborava a sua, preparava-se a recorrer de novo ao dialogo com a Conceição, mas o marido interrompeu-o dando uma palmada na cabeça e um grito estridente.

— Ah! já sei o que hade ser.

— O que é?

— É o pateta cá de cima, aquelle que nós fizemos a tolice de metter em casa, e que naturalmente abriu a janella e está a gosar as delicias da noite.

— Hade ser isso, hade.

— Espera que eu já te ensino, disse ameaçador o major deitando as pernas para fóra da cama.

— Ahi tens o que a gente tira de fazer bem... Por bem fazer mal haver.

— Tu é que tiveste a culpa com as tuas amabilidades, com os teus offerecimentos. Deixassel-o dormir na escada.

— Parecia mal.

— Parecia mal, parecia mal! O que parece mal é apanharmos uma constipação mestra, e passarmos a noite a espirrar como dois... pretos!... A.. a.. atchim.

E fulo o major sahiu do quarto e foi direito á porta da saleta e applicando-lhe dois murros valentes, que fizeram abanar o predio, gritou!

— O sr. Barradas, sr. Barradas!

Ninguem lhe respondeu.

O Quim ouvira tudo o que se passara, e cheio de terror fechara muito devagarinho a janella que tanto escandalo preduzira e sentara-se muito quietinho na cadeira, ás escuras preparando-se para fazer face aos acontecimentos.

Vendo que não lhe respondiam, o major Rodrigues redobrou a força da voz e a força dos murros.

A casa parecia que vinha abaixo.

Então o Quim julgou prudente dar signaes de vida e respondeu n'um abrimento de bocca para dar todo o colorido ao seu papel:

— Quem é? Quem me chama?

— O sr. abriu a janella? perguntou irado o major Rodrigues.

— Senhor? tornou elle fingindo-se Manel Sousa.

— Se abriu a janella?

— Qual janella?

— A janella d'essa casa!

— Eu? A janella? Não senhor, então para que havia de abrir a janella?

— Ah! pensei! tornou o major mais macio, veio de repente cá dentro um frio.

— Nada, d'aqui não foi; eu até estava a dormir a somno solto.

O major não lhe respondeu nada, nem sequer lhe pediu desculpa de lhe ter quebrado o somno, afastou-se, mas o Quim ouviu-o ir resmungando muito zangado por ali fóra.

— Mas então que demonio seria!

O Quim no sentil-o afastar-se e ao ver como que terminado o incidente, respirou mais livremente, mas teve o cuidado de não tornar a abrir mais a janella, para evitar novas complicações, e sentado na sua cadeira, ás escuras, sem ter nem sombra de somno, esperou, que a familia da casa se levantasse para elle ir á vida.

Não teve que esperar muito tempo, o major Rodrigues não pregou mais olho e d'ali a nada o Quim sentio lá por dentro o major andar a chinellar d'um lado para o outro dando á criada as ordens para aquecer agua para a barba, e a creada a chinellar tambem pela cosinha nas primeiras voltas matutinas da casa.

Então chegou ao Quim a sua vez de bater á porta, para que lhe viessem abrir a prisão.

— Ó senhor, estão a bater na porta da saleta, participou a Conceição ao major.

O patrão veio abrir.

— Então, dormiu bem, visinho? perguntou elle já mais macio ao Quim.

— Perfeitamente, perfeitamente.

— Já vê que foi melhor vir ficar aqui do que ficar na escada.

— Muito melhor, muito melhor, confirmou o Quim sem convicção alguma.

— É verdade que me causou bastante incommodo, continuou o major com uma bonhomia brutal, mas n'este mundo não ha remedio senão a gente incommodar-se uns por causa dos outros.

— Muito obrigado sr. major. E se me dá licença eu retiro-me.

— Pois não, com todo o gosto, commentou muito amavel e risonho o major.

O Quim pegou no chapeu, apertou a mão do visinho que tanto o obsequiara e sahiu.

Quando se viu cá em baixo, á porta da rua soltou um enorme suspiro d'alivio.

— Safa! Até que finalmente! monologou elle. Esta maldita noite parecia que não tinha fim!

E depois pensou:

— E agora! Onde estará a mana? E foi-se a procural-a.

XIII

Quem é vivo sempre apparece, e a irmã do Quim como era viva sempre appareceu.

Depois de correr secca e meca sem a encontrar, e quando desanimado, moido como uma salada, e a cahir de somno como um homem que perdeu a noite, se dirigia finalmente para casa da D. Ephigenia que era longe como a breca, um estirão dos diabos, esbarrou na desejada mana, que muito fresca, com as côres rosadas de quem tinha dormido bem a noite, vinha com toda a sua pachorra caminho de casa.

Foi na Cotovia que elle a encontrou e d'ali até ás Olarias o caminho passou-se em recriminações mais ou menos azedas, o Quim accusando-a d'ella se ter ido muito bem dormir para casa da Dona Ephigenia deixando-o sem chave do trinco, sosinho nas ruas de Lisboa, ella descompondo-o por elle ser a causa de tudo, por ter tido o atrevimento de dar um beijo na senhora Leitão, e por depois se ter safado cobardemente, indo-se embora sem dizer agua vae, e deixando-a sem companhia para a levar para casa.

Chegaram ás Olarias. A Emilinhas já tinha almoçado, mas o Quim estava ainda em jejum e então deu o braço a torcer, confessou que a irmã tinha razão para que ella lhe arranjasse o almoço.

Almoçou e em vez de ir para a companhia de seguros n'esse dia foi, mas foi para a cama, porque não podia comsigo.

E quasi que valeu a pena a massada enorme da sua noite, as torturas da saleta do major pela ineffavel beatitude que elle sentiu ao metter-se entre os lençoes da sua querida caminha.

Apenas se deitou, aquillo foi pedra em poço, adormeceu profundamente.

Eram tres horas da tarde e ainda elle dormia a somno solto, e estava tão ferrado no somno que a sua irmã teve um trabalhão enorme, foi preciso abanal-o como quem abana o lume, para conseguir accordal-o.

— O que é? o que é que me queres? perguntou elle com os olhos fechados, voz rouca quasi que inintelligivel pelos abrimentos de bocca que acompanhavam as palavras.

— Estão ahi dois sujeitos que te procuram, disse a Emilinhas com a voz ligeiramente tremula, denunciando de certo sobresalto.

— Hein? E tu vens accordar-me, para fallar a massadores? Eu não recebo ninguem; quem quizer que venha cá depois de eu accordar, tornou elle com muito mau humor voltando-se para o outro lado.

— Mas elles querem por força fallar-te.

— Diz-lhe que estou a dormir.

— Já disse, pediram-me que te accordasse que era negocio urgente.

— Deixal-o ser... não me levanto, quero dormir, berrou o Quim muito rabujento, como creança a quem quebram o somno.

— Parece-me, disse Emilinhas, séria e com certa commoção, parece-me pelos modos d'elles que é cousa de duello..

— Duello! repetio o Quim, accordando logo de todo e sentando-se na cama muitissimo pallido.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

REVISTA POLITICA

Continuam no parlamento as interpelações ao governo, a respeito dos 441 contos ou 400, conforme a declaração do sr. Marianno de Carvalho, e não sabemos bem se nas nossas futuras revistas, ainda teremos que nos referir a este assumpto, porque a questão parece não ter fim.

O sr. Pinheiro Chagas sempre realisou a sua interpelação depois das ferias da semana santa, e se a sua argumentação tivesse sido tão forte, como de opulenta foi a sua linguagem, o governo não resistiria ao ataque e ficaria vencido pela força dos argumentos.

Respondeu a esta interpelação o ministro da fazenda, sr. Barros Gomes, e quando dizemos respondeu, não queremos dizer que refutou as palavras do sr. Pinheiro Chagas, porque n'esta questão dá-se o caso singular, de os oradores que n'ella tem tomado parte, não responderem precisamente uns aos outros, e isto principalmente os oradores da maioria, que a proposito ou desproposito do pagamento da tal divida, trazem para a discussão quantos casos de administração e de politica tem succedido, o que nos dá a esperança de vermo ainda discutir no parlamento se el rei D. Sebastião sempre morreria em Alcacer-Kibir, ou nos apparecerá por ahi um dia a reivindicar os seus direitos.

Depois do discurso do sr. Barros Gomes, segui-se o discurso do sr. Arroyo.

Estylo realista, sem metaphoras, chamando as coisas pelo seu nome, e nomes tão feios que os jornaes governamentaes disseram que, muitas das senhoras que estavam nas galerias, para ouvirem as galanterias do sr. Arroyo, sahiram de lá muito ruborisadas, antes do orador coucluir o seu discurso realista.

Foi um mandado de despejo para o bello sexo, muito semelhante ao d'aquelle juiz que presidindo a uma audiencia a que só deviam assistir homens, intimou para que sahissem da sala todas as senhoras serias, e como nenhuma se mechesse do seu logar, elle observou:

— Agora que todas as senhoras serias já sahiram, ponham-se fóra da sala todas que o não são.

O realismo, porém, do sr. Arroyo não conseguio mais do que conseguiram as flores de rethorica dos oradores precedentes e a esta interpelação respondeu o sr. Laranjo com suas intenções de apagador, no que não deixava de ter razão, porque assim por este discursar, ainda esperamos ouvir fallar os continuos da camara no seio da representação nacional, a guarda e os espectadores das galarias que afinal são os que mais razão tem de fallar...

As conclusões que até hoje se tem tirado d'esta discussão não conseguem esclarecer o assumpto, e estamos certos que por muito que essa discussão prosiga a verdade não apparecerá a publico.

Isto mesmo deve o saber a opposição, como já o sabia antes de fazer as suas interpelações, e se o seu dever era interpelar o governo, devia dar-se por satisfeita com as explicações d'este e não insistir n'uma questão que póde levantar serias complicações, com que de certo a propria opposição nada lucrará.

Este assumpto vae estando esgotado e a politica vae derigindo as suas attenções para outra questão que se levanta de novo, com a mesma intensidade que ha pouco teve.

É a questão dos vinhos, o que não é para admirar n'um paiz vinhateiro.

Como já dissemos em uma das nossas ultimas revistas, os negociantes de vinhos, do Porto, não se conformam com as emendas feitas pelo governo no novo contracto da Companhia Vinicola do Norte, e renovando os seus protestos e representações a el rei, retomam a attitude em que se achavam, quando foram adiadas as côrtes.

O governo presiste em fazer valer o contracto, e não tarda que no parlamento appareça esta questão, que muito provavelmente se azedará, o que é naturalissimo tratando-se de vinho.

No Porto já houveram suas manifestações de pranchada quando a commissão, que veio a Lisboa representar a el-rei, regressou aquella cidade, onde era esperada na estação do caminho de ferro por negociantes e trabalhadores dos armazens de Villa Nova de Gaya.

Não concluiremos sem darmos noticia de que se trata de formar um novo partido politico.

Como todos os partidos, este pertende só conter no seu seio gente seria, independente e de provado patriotismo.

Escusado será dizer que não irá por diante por falta de numero.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

CONGRESSO JURIDICO. — Conforme estava annunciado e já referimos n'esta resenha, reuniu o Congresso Jurido, inaugurando os seus trabalhos com uma sessão solemne, realisada na grande sala da bibliotheca da Academia Real das Sciencias, no dia 22 do mez findo.

Pelas 4 horas da tarde d'esse dia, achando-se a commissão executiva do congresso a que já nos referimos a pag. 56 do presente vol. muitos congressistas portuguezes e hespanhoes na referida sala da bibliotheca decorada com muito luxo e bom gosto, chegou a familia real, precedida do ministerio, governador civil e mais altos dignatarios, abrindo Sua Magestade el-rei D. Luiz a sessão pela leitura de um breve discurso que lhe foi entregue pelo sr. ministro da justiça. Este discurso fazia o elogio dos jurisconsultos de Hespanha e felecitava a Assosiação dos Advogados pela realisação do congresso, desejando que elle desse os resultados que ambicionava, terminando por declarar aberto o congresso.

A esta allocução respondeu o sr. Mendes Vigo ministro hespanhol em Lisboa, exaltando o valor dos jurisconsultos portuguezes e que o convite feito aos jurisconsultos hespanhoes apenas representava um acto de modestia da parte dos portuguezes.

Fallou em seguida o sr. Dias Ferreira correspondendo ás amabilidádes do ministro de Hespanha, e agradecendo em nome da Associação dos Advogados e presença da familia real n'aquelle acto, bem como do sr. ministro de Hespanha. Disertou sobre a conveniencia d'este congresso e os resultados que havia a esperar dos seus trabalhos.

A este orador seguiu-se o sr. dr. Pinto Coelho que historiou a organisação do congresso, enumerando as difficuldades que foi mister vencer para se realisar, agradecendo tambem a comparencia da familia real, e pôz em relevo as vantagens que d'este concurso podiam advir, muito principalmente na discussão da primeira these — o estabelecimento do tribunal arbitral para resolver os conflictos entre as nações.

Com este discurso terminou a sessão inaugural eram cinco horas e meia da tarde.

Entre os jurisconsultos hespanhoes que compareceram no congresso contam-se os seguintes: D. Manuel Torres Campos, professor de direito internacional e cathedratico da universidade de Granada; D. Adolpho Moriz y Fernandez-Vallin, catherdatico da universidade de S. Thiago; D. José Rodrigues Acosta advogado do collegio de Granada; D. Cosme Uzquiano advogado em Santander; D. Diogo de la Cruz Quezada, advogado em Granada; D. Angel Alvarez Taladeriz, decano da universidade de Valladolid e director da *Revista de Anthropologia criminal*; D. Cezar Cilio y Cortez advogado e secretario da dita revista; D. Fernando Cadalzo y Manzano.

Na sessão preparatoria que se realisou, n'este mesmo dia, na sala do Tribunal do Commercio, ficou eleito por acclamação e por proposta do sr. D. Diogo de la Cruz Quezada a meza provisoria que se compunha dos srs. drs. Pinto Coelho, presidente, Jacintho Tavares de Medeiros e Penha e Costa, secretarios, conselheiro Dias Ferreira, vice-presidente, drs. Franco de Castro e Arthur de Carvalho, vice-secretarios.

O mesmo sr. Qnesada propoz que. conforme é de uso, fosse eleito presidente honorario do congresso o sr. ministro da justiça, conselheiro Francisco Beirão.

A esta proposta, que foi unanimemente acceite, correspondeu outra do sr. Pinto Coelho que propoz egual honra para o sr. ministro da justiça de Heapanha.

Foram votados por acclamação para presidentes das cinco secções de que se compõe o congresso os seguintes membros:

Secção de direito publico, D. Manoel Torres Campos; Direito Commercial, Dr. José Joaquim Fernandes Vaz; Direito Civil, conselheiro Eduardo de Serpa Pimentel; Direito penal, conselheiro Antonio Maria Couto Monteiro; Questões mixtas, D. Angel Alvarez Taladeriz.

No dia 23 reunio o congresso achando-se presentes sessenta congressistas e presidindo o sr. dr. Pinto Coelho tendo por secretarios os srs. drs. Tavares de Medeiros e Penha e Costa.

Pelo sr. presidente foi apresentado o relatorio da secção juridica da Sociedade de Geographia de Lisboa sobre a *Assistencia e salvação maritima*, elaborado pelo sr. Armelin Junior, e *Abalroamentos no mar*, do sr. Vicente Almeida d'Eça, o que foi acceite pela assembléa, apesar de não estarem estes assumptos incluidos no programma das discussões.

Entrou em discussão a these — Deverá ser gratuita a administração da justiça, principalmente na orphanologica e criminal?

É relator d'esta these o sr. dr. Joaquim Maria da Silva, e na discussão tomaram parte, propondo varias emendas os srs. drs. Calixto, lente da Universidade de Coimbra. Themudo. Sebastião Centeno, Fonseca, Sepulveda Teixeira, Moura, Armelin, Carlos José de Oliveira, Miguel Osorio, Torres Campos e Pinto Coelho para explicações.

A these foi approvada n'estes termos: Deve ser gratuita a administração da justiça como uma das funcções do Estado.

As emendas devem fazer parte do relatorio geral do congresso que será apresentado ao governo.

N'esta mesma sessão entrou em discussão a these de que é relator o sr. dr. Tavares de Medeiros—Deverão perfilhar-se os filhos adulterinos concebidos depois da separação judicial, admittindo-se tambem em favor d'elles a investigação da paternidade?

Entraram na discussão d'esta these os srs. drs. Calixto, Manoel de Arriaga e Themudo, sendo levantada a sessão ás cinco horas e um quarto, ficando esta discussão para se continuar na sessão seguinte.

No dia 24 continuou em discussão a mesma these, n'ella tomaram parte os srs. drs. Chrispinianno da Fonseca, Duarte Roboredo de Sampaio e Mello, Catenho de Menezes, D. Angel Alvares Taladeriz, Almeida Eça, Cadalzo y Manzano, Sebastião Centeno e Tavares de Medeiros, relator defendendo a sua these.

Procedendo-se á votação foi regeitado por 65 votos contra 18.

Esta discussão foi extremamente interessante e as emendas apresentadas votou-se para que fossem registadas na acta, a fim de serem devidamente avaliadas pelo governo.

Entrou depois em discussão a these de que é relator o sr. dr. José Joaquim de Oliveira — Devem ou não ser admittidas as alçadas nos tribunaes?

Tomaram parte na discussão os srs. drs. Calixto, Carlos José d'Oliveira, Sebastião Centeno e Torres Campos, sendo approvado que — Não devem ser admittidas as alçadas nos tribunaes.

No dia 26 entrou em discussão a these de que é relator o sr. dr. Estevão José Lopes da Silveira e Castro e cuja primeira conclusão, que foi votada depois de largamente discutida é, — convem adoptar-se disposições que auctorisem ao individuo *suijuris* no estado normal das suas faculdades, nomear, prevenindo o caso de vir a ensandecer, Pessoa a quem quer que seja confiada a tutela de sua pessoa e bens?

Seguiu-se a these de que é relator o sr. dr. João Alexandrino de Souza Queiroga — O estado deve indemnisação a todo o arguido ou accusado, cuja absoluta innocencia seja verificada e julgada quer, durante a instrucção do processo, pelo respectivo juizo instructor, quer durante a accusação pelo respectivo juiso accusatorio, quer finalmente, durante a revisão pelo respectivo juiso de revisão,

Esta these, que teve pouca discussão, foi votada por unanimidade.

Foi tambem votada quasi por unanimidade a these de que é relator o sr. dr. Arthur de Carvalho — A letra como elemento de credito que é, deve e convem admittir se como titulo de obrigação entre individuos não commerciantes, mesmo que não haja transferencias de dinheiro de um logar para outro.

O dia 26 foi destinado para o posseio fluvial a bordo do *India*, por convite da Associação Commercial de Lisboa feito aos membros do congresso.

Foi uma diversão interessantissima a que o esplendor do dia magnifico que esteve se associou festivamente, realisando-se o passeio até Cascaes.

A bordo foi servido um delicado lunch fornecido pela casa Rosa Araujo, em que se trocaram enthusiasticos brindes por parte dos congressistas portuguezes e hespanhoes, as familias reaes de Hespanha e de Portugal, a imprensa dos dois paizes, á Associação dos Advogados e a Academia Real das Sciencias.

Esta festa terminou ás 6 horas da tarde, hora a que o *India* regressou á sua amarração.

No numero seguinte continuaremos a dar conta em resumo dos trabalhos d'este congresso, o que não fazemos agora por nos faltar o espaço.

JOAQUIM RAMALHO ORTIGÃO

FALLECIDO NO RIO DE JANEIRO EM 13 DE ABRIL DE 1889

(Segundo uma photographia de Pacheco & Filho)

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES

25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43